

O NOVO TOM AXIOLÓGICO DA EXPRESSÃO “CIDADÃO DE BEM”: REFRAÇÕES SEMÂNTICAS E INDÍCIOS DE ESTRATIFICAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Cristiano Sandim Paschoal¹

RESUMO: O presente artigo visa a abordar o novo tom axiológico que o enunciado concreto “cidadão de bem” adquiriu, a partir da eleição presidencial ocorrida no Brasil, em 2018. Ancorando-se nos princípios metalinguísticos do Círculo de Bakhtin, serão analisados os principais elos discursivos que contribuem para o acento valorativo que lhe foi dado. Percebeu-se, durante a análise, que o enunciado observado, enquanto signo ideológico, é resultado de uma cadeia de relações dialógicas com outros discursos marcados pela intolerância. Por esse motivo, ocorre um distanciamento do real conceito de cidadania, ocorrendo refrações semânticas, materializadas em diferentes vozes sociais e, dessa forma, resultando na estratificação da sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; Relações dialógicas; Tom axiológico; Refrações; Cidadão de bem.

ABSTRACT: This paper aims to investigate the new axiological tone for the expression "law-biding citizen", which emerged from the Presidential election in Brazil in 2018. The analysis is focused on the main discourse nexus that contribute to its given evaluative accent, following the metalinguistic principles of the Bakhtin Circle. Throughout the study, it could be noticed that the expression, which was observed as ideological sign, is a result of a chain of dialectical relationships with other discourses marked by intolerance. For this reason, there is a distance from the real concept of citizenship and semantic refractions appear materialized in different social voices, resulting in the stratification of the Brazilian society.

KEYWORDS: Bakhtin's Circle; Dialogic relations; Axiological tone; Refractions; Citizen of good.

Considerações iniciais

A expressão **cidadão de bem**, recorrentemente utilizada na eleição presidencial do Brasil em 2018, possui uma estreita ligação com o termo **cidadania**, uma vez que ser cidadão, em termos gerais, significa aquele que a pratica. Todavia, o conceito de cidadania concentra diferentes concepções, flutuando desde um viés sociológico até um olhar da ciência jurídica.

Para que se possa abordar a temática, suscita-se um recorte histórico, uma vez que a cidadania, quando entendida do ponto de vista da antiguidade greco-romana, possui caráter excludente; quando concebida pelo viés moderno, advinda do pensamento naturalista e do liberalismo político-econômico, possui uma acepção, ao menos teórica, mais inclusiva.

¹ Mestrando em Letras/Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sendo bolsista CAPES/PROEX. Graduado em Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: cristiano.paschoal@edu.pucrs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1443589671620246>.

Atrelando-se à conceituação moderna, o presente artigo busca mostrar, por meio da Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD), como a expressão **cidadão de bem**, que deveria estar imbricada com o conceito de cidadania moderna, adquiriu um **novo** tom axiológico nas eleições de 2018, na sociedade brasileira. Para isso, o presente artigo traça seu percurso da seguinte maneira: em um primeiro momento, serão apresentados os princípios basilares do Círculo de Bakhtin que servirão de ancoragem para ADD; após, será feita uma descrição das principais concepções do termo cidadania, no quadro geral das ciências; por fim, será feita uma Análise Dialógica Discursiva da utilização da expressão **cidadão de bem**, mostrando sua nova axiologia, dada a partir do atravessamento de discursos intolerantes que circundam esse enunciado concreto.

1. ADD: princípios basilares

Os estudos que abarcam temáticas enunciativo-discursivas mostram-se, com a evolução da ciência Linguística, cada vez mais plurais. Encontram-se, dentro deste grande escopo da Linguística Discursiva, desde perspectivas enunciativas (de Benveniste aos seus contemporâneos) às teorias que possuem como objeto de estudo o **discurso** (Análise de Discurso francesa; Análise Crítica do Discurso; Semiótica inglesa, russa, francesa e norte-americana).

Situando-se dentro do quadro teórico linguístico que concebe a linguagem como sendo um produto e também um processo da atividade social humana, tem-se, como destaque da epistemologia soviética, o Círculo de Bakhtin. Composto por um grupo de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, o círculo bakhtiniano produziu grande parte do seu arcabouço teórico entre as décadas 20 e 30 do século XX.

Contudo, sua produção intelectual ganha merecida atenção no ambiente acadêmico brasileiro apenas no final dos anos de 1980 ~~80~~, a partir da tradução do francês feita para o português da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Valentin Volóchinov. Desde então, as abordagens bakhtinianas renderam diversas produções científicas em diferentes vieses do conhecimento. No entanto, por atrelar-se aos estudos da enunciação e do discurso, o construto teórico do Círculo de Bakhtin suscitou uma linha de pesquisa que, no Brasil, convencionou-se chamar de Análise Dialógica do Discurso (ADD). Trata-se de um arcabouço teórico-metodológico que, ancorado nos princípios basilares do círculo, percebe uma

[...] indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimentos de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. (BRAIT, 2006, p. 10).

Logo, analisar discursos ancorando-se em princípios bakhtinianos requer, de maneira imperativa, uma visão totalizante da dialética existente entre seus principais conceitos. Destaca-se, primeiramente, que o Círculo de Bakhtin opôs-se, desde seu princípio, aos pensamentos linguísticos recorrentes do final do século XIX ao início do século XX, a saber, o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista. Segundo Volóchinov (2017), a primeira tendência linguística, representada, principalmente, por Saussure, percebe a língua como um objeto abstrato e, conseqüentemente, fora do uso real. Já a segunda tendência, embora credite ao indivíduo falante a capacidade criativa discursiva, o concebe de forma individual. Contrariando-se a essas duas concepções, o linguista afirma que

[...] para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social. Pois é necessário que tanto o falante quanto o ouvinte pertençam a uma mesma coletividade linguística, a uma sociedade organizada de modo específico. É necessário ainda que os nossos dois indivíduos sejam abarcados pela unidade da situação social mais próxima, isto é, que o encontro entre essas duas pessoas ocorra em um terreno determinado. O intercâmbio verbal só é possível nesse terreno determinado, por mais geral e, por assim dizer, ocasional que seja. Desse modo, *a unidade do meio social e do acontecimento social mais próximo* são duas condições totalmente necessárias. (VÓLOCHINOV, 2017, p. 145, grifos do autor).

Depreende-se, a partir da observação do autor, que, sob o viés do Círculo de Bakhtin, deve-se perceber um fato linguístico a partir da interação social entre sujeitos discursivos, sendo essa interação situada em um contexto social e histórico. Além disso, salienta-se que o linguista, ao utilizar o termo **língua**, refere-se à linguagem verbal e não-verbal, uma vez que, para este quadro teórico, língua e linguagem são indissociáveis, pois se constroem a partir da inter(ação) humana, ou seja, vêm da atividade de sujeitos. Por isso,

[...] qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91).

Nesse sentido, ressaltando a equipolência existente entre o mundo sgnico e o universo ideológico, evidencia-se que para a ADD,

[...] a ideologia não significa falsa consciência. Significa que todo signo é usado no discurso a partir de uma dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Não recebemos palavras neutras da língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1083).

No entanto, esclarece-se que ideologia sob o viés dialógico não significa, necessariamente, ideologia política, mas sim um ponto de vista do locutor em que emerge sua visão de mundo. Atrelado a isso, ainda que, de maneira geral, o uso da linguagem tem como inerência o signo ideológico, como essa atividade se manifesta, em termos discursivos? Para o Círculo, “o emprego da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana” (BAKHTIN, 2016, p. 11).

Visto, então, que o funcionamento da linguagem ocorre via signos ideológicos, um enunciado concreto, composto por um ou vários signos, será, conseqüentemente, ideológico. Isso se dá pelo fato de que o enunciado possui uma natureza **dialógica**, ou seja, sua capacidade de valoração e, sobretudo, de relação com outras enunciações. Nesse sentido, há elementos que, a partir de um movimento mútuo constituinte, o compõem.

O primeiro elemento constitutivo da natureza de um enunciado concreto é o **estilo individual** que, em termos gerais, significa as escolhas lexicais e gramaticais que caracterizam a enunciação de um interlocutor. Contudo, cabe lembrar que além dessa característica constitutiva, o enunciado, por ocorrer na interação, tem-se a **alteridade**, uma vez que não somente quem enuncia que está agindo na/pela linguagem, mas, também, o interlocutor (ouvinte) que

[...] ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2016, p. 24).

Sendo assim, a enunciação será sempre, no mínimo, de dois sujeitos discursivos, pois, por meio da (inter)ação verbal, ambos agirão em sua constituição. Portanto, por mais que o estilo seja individual, para o Círculo de Bakhtin, essa individualidade é também constituída pelo social, ou seja, o discurso do outro estará presente no meu discurso e, ao proferir, o locutor considera a palavra alheia (endereçamento), configurando, dessa forma, a sua. Isso demonstra que o sujeito discursivo, numa perspectiva bakhtiniana, não será nem cartesiano nem assujeitado, mas, uma mescla de relações dialógicas entre o individual e o social.

Além do estilo, outro elemento constitutivo do enunciado concreto é o seu **conteúdo temático** que não pode ser confundido com **assunto** ou **tópico**. Pode-se, por exemplo, tratar-se de um conteúdo temático em uma obra literária e, em sua construção narrativa, utilizar-se de diferentes tópicos e/ou assuntos para fazê-lo. Isso indicia que a temática central de um romance sobre o Nazismo, por exemplo, poderá ser versada por meio de tópicos como uma relação amorosa entre dois personagens, sob o ponto de vista de um seguidor hitleriano, pelo viés de um judeu, etc. Por fim, fazendo parte da constituição do enunciado, há a sua **construção composicional**. Sabe-se que os enunciados são tipos relativamente estáveis e denominados **gêneros do discurso**. Conseqüentemente, uma de suas principais relações dialógicas é a composicional ligada diretamente às esferas sociais em que

[...] são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de um dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os parceiros, o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 2016, p. 18).

Vê-se, portanto, que, em um projeto enunciativo, materializado em um enunciado concreto, encontram-se imbricados o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional de um enunciado concreto, constituindo-se mutuamente. A totalidade dessas relações dialógicas internas edifica o que o Círculo de Bakhtin denominará de **arquitetônica** que, inevitavelmente, traçará relações dialógicas externas, ou seja, com outras arquitetônicas de projetos enunciativos.

Constata-se que analisar dialogicamente um projeto enunciativo é perceber não somente o que o locutor diz, mas, sobretudo, como ele faz para dizer, qual o processo de produção

semântica que se encontra refletido no enunciado que nada mais é do que um ponto de encontro em que emergem relações dialógicas de diversas naturezas. Todavia, apesar de se ter afirmado que os elementos constitutivos da arquitetura do enunciado concreto dialogam mutuamente, para fins analíticos, o presente artigo centrar-se-á apenas nas relações axiológicas que atravessam o enunciado **cidadão de bem**, em termos de acentos valorativos, concentrando-se não apenas na forma, mas, sobretudo, na substância.

2. “Cidadão de bem” no nível da língua brasileira: o cruzamento da base com a superestrutura

Para que se entenda como o sentido é concebido, sob o viés da Teoria Dialógica do Discurso, faz-se necessário estabelecer algumas diferenciações construídas ao longo do arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin. Como dito anteriormente, uma palavra como **pare**, por exemplo, quando analisada gramaticalmente, não pertence a um locutor, mas sim à língua enquanto um sistema de significação. Esse fenômeno ocorre com todas as palavras existentes de uma língua, uma vez que não se pode (e nem se pretende) negar seus aspectos formais. Entretanto, a palavra “**Pare!**”, acompanhada do sinal de pontuação exclamativo, poderia ser considerada um enunciado? À luz da teoria bakhtiniana, apesar de reconhecer o valor da exclamação, não se poderia considerá-la como sendo um enunciado vivo, mas como uma oração, pois, ainda assim, não se teria o contexto discursivo que a engendra, desprovida, então, de sentido, denominado nesse arcabouço de **tema**. Logo, estabelece-se uma diferença entre **oração, enunciado, significação e tema**:

Como a palavra, a oração é uma unidade significante da língua. Por isso, cada oração isolada, por exemplo, “o sol saiu”, é absolutamente compreensível, isto é, nós compreendemos o seu *significado* linguístico, o seu papel possível no enunciado. Entretanto, é impossível ocupar uma posição responsiva em relação a uma posição isolada se não sabemos se o falante disse com essa oração tudo o que quis dizer, que essa oração não é antecedida nem sucedida por outras orações do mesmo falante. Mas neste caso ela já não é uma oração e sim um enunciado plenamente válido, constituído de uma só oração: ele está emoldurado e delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso e reflete imediatamente a realidade (situação) extraverbal. Esse enunciado suscita uma resposta. (BAKHTIN, 2016, p. 45, grifos do autor).

Visto que, em termos gerais, a **oração** está para **significação**, bem como o **enunciado** atrela-se ao **tema**, deve-se sinalar que, embora o Círculo aponte essa diferenciação, não

significa que ambos funcionem, semioticamente, separados. Na verdade, a significação nada mais é do que uma potencialidade, uma possibilidade de significar algo dentro de um contexto sociosemiolinguístico. Contudo, o locutor de uma dada comunidade linguística precisa, necessariamente, dessa potencialidade para configurar seu enunciado, dando-lhe assim um **tema**, uma nova roupagem semântica, que advêm de sua **entonação expressiva** e de sua **valoração**.

Nesse primeiro momento, comecemos por analisar a expressão **cidadão de bem**, objeto desta investigação, em termos de significação. Primeiramente, o vocábulo **cidadão**, enquanto potencialidade, ou seja, dicionarizado, no Brasil, significa “indivíduo que goza dos direitos civis e políticos de um Estado” (SANTOS, 2016, p. 138) e **bem**, quando relacionado à pessoa, tem a acepção de “virtude, querido, amado, bom e conveniente” (SANTOS, 2016 2006, p. 86). Ademais, conforme Bueno (2007), o termo cidadão também designa o sujeito que habita na cidade e dela goza seus direitos à civilidade. Dessa forma, ser cidadão, a partir de um fio estável de significação, refere-se a todo e qualquer indivíduo ao qual, atrelado a uma determinada organização social, lhe é conferido permissão à participação sociopolítica e, quando dito “do bem”, compreende em suas ações atributos sob a égide da moralidade (FERREIRA, 2008).

Depreende-se, a partir dos dicionários contemplados, que, de maneira geral, a terminologia **cidadão de bem**, quando dicionarizada, traz, em seu invólucro semântico, as noções de sujeito e direitos imbricadas, bem como os compromissos que esses direitos suscitam ao complexo orgânico de uma determinada sociedade. Percebe-se que, apesar do significado de cidadão estar referendado, uma vez que se encontra em um dicionário, não se deve separá-lo do discurso social, do cotidiano, pois, como afirmado anteriormente, significação e tema se entrecruzam e se constituem. Nesse sentido, notabiliza-se a relação imbricada entre língua e aspectos históricos, pois termos como **liberdade de expressão**, **democracia**, **direitos civis** e, inclusive, **cidadania**, semantizam-se por meio das lutas sociais de uma determinada sociedade, a partir do discurso de base que, quando entrecruzado com o discurso da superestrutura, acaba sendo legitimado.

Sendo assim, no decorrer da história da humanidade, o termo **cidadania** passou por diversos entendimentos, a depender do momento/lugar social em que esteve inserido. No entanto, a partir da Idade Moderna, período em que se resulta uma nova configuração das noções de Estado-Nação, o vocábulo, etimologicamente ligado ao latim *civitas*, que significa

cidade, passou a ser entendido no Brasil, segundo o historiador José Murilo de Carvalho (2002), sob a influência de duas categorias: a **formal** e a **substantiva**.

Ligada diretamente à Declaração Universal dos Direitos Humanos², a categoria substantiva esboça, de maneira ampla, o que significa ser cidadão. Segundo o **Artigo III** do documento oficial, “todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (ONU, 2009, p. 5). Porém, visto que o termo **cidadão** suscita a noção de nacionalidade, justifica-se, dessa forma, a existência da categoria formal, pois, a depender da sociedade-nação em que um indivíduo está inserido, o entendimento de **ser cidadão** sofrerá flutuações. No Brasil, a cidadania, significando direitos e deveres de um indivíduo no seu Estado, ancora-se nos preceitos da Constituição Federal³, demonstrando que, boa parte das significações das palavras de uma dada língua são determinadas pelos discursos da superestrutura, nesse caso, a jurídica, que, por sua vez, afirma:

TÍTULO I DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I - a soberania;

II - a cidadania;

III - a dignidade da pessoa humana;

IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

V - o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

[...]

TÍTULO II DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS CAPÍTULO I

DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

LXXI - conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades

² Trata-se de um documento que estabelece os direitos humanitários de todo e qualquer cidadão, tendo sido adotado pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.

³ Documento oficial que contém o conjunto de leis que regem a nação brasileira. Durante a história, sofreu diversas alterações. Em 1988, foi alterada e renomeada como “Constituição Cidadã”, por preconizar um estado democrático, vigorando até os dias atuais.

constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania. (BRASIL, 1998, p. 11-17)

Embora, em termos gerais, pode-se perceber que a cidadania signifique direitos igualitários a todos os membros de uma nação, legitimidade esta que provém do cruzamento de vozes sociais com vozes ligadas às ciências jurídicas, nas práticas discursivas atuais, do âmbito político brasileiro, observa-se um distanciamento desta dicionarização. Analisemos, por exemplo, o enunciado abaixo, bastante recorrente na campanha eleitoral do candidato Jair Messias Bolsonaro: “Todo mundo tá armado, só tá faltando o cidadão de bem tá armado” (JAIR, 2018, [s/p]).

Do ponto de vista oracional, ou seja, no nível da língua, em que ocorre o repetível, pode-se dizer que se trata de uma frase composta por elementos léxico-gramaticais, cujo sentido, em termos de significação, é apresentado de forma redundante. Isso ocorre porque, em termos de dicionarização, como versado anteriormente, ser cidadão já implica a prática do bem, ou seja, essa última expressão não necessita estar presente na oração. Contudo, do ponto de vista discursivo, a presença da forma **bem** se justifica por se tratar de um enunciado e, sobretudo, porque o tom valorativo dado a bem modifica o tema cidadão, transformando-se, assim, em um signo ideológico por excelência. Todavia, isso não significa que, no decorrer da campanha eleitoral de 2018, essa construção não tenha sido utilizada por outros candidatos políticos. Contudo, analisar-se-á, especificamente, a enunciação do presidencialável acima mencionado por dar um tom axiológico à expressão que se distancia, semanticamente, da dicionarizada, enquanto potencialidade.

3. “Cidadão de bem” no nível do discurso brasileiro: indícios de estratificação

Um dos eixos principais da campanha eleitoral de 2018, do candidato à presidência Jair Bolsonaro, foi o combate ao crime. Sob a alegação de que, para que se resolvam os altos índices de criminalidade brasileira é necessário modificar as leis que regem o porte de arma de fogo, o candidato preconizou, em diversas situações discursivas,⁴ que o **cidadão de bem** merecia portar

⁴ Para situarmos o nosso leitor em algumas situações discursivas em que Jair Bolsonaro enuncia sobre a díade semântica cidadão de bem e porte de arma, foram elencadas duas divulgações jornalísticas distintas, divulgadas por plataformas digitais compromissadas com a idoneidade circunscrita em seus objetos de divulgação. São elas: “caminhoneiro armado reagir a alguém que estiver furtando ou roubando o seu estepe, ele vai dar o exemplo para a bandidagem. Seguinte: atirou, o elemento está abatido, em legítima defesa. Ele vai responder, mas não tem

em sua residência algum armamento para defender sua família tradicional de possíveis ataques criminosos.

Reiterando, durante todo o período eleitoral, a dicotomia **cidadão de bem versus marginal/bandido**, Bolsonaro cria um *marketing* eleitoral pautado na luta discursiva entre o bem e o mal. Contudo, em um enunciado concreto coexistem

[...] discursos variados (passados, atuais, presumidos). São outras vozes discursivas – posições sociais, opiniões – que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção. Com isso, o outro apresenta-se em diferentes graus de presença no enunciado, às vezes é visível, às vezes está escondido, mas sempre está lá; constitui um princípio alteritário. (DI FANTI, 2003, p. 98).

Sob essa perspectiva, é fundamental observar que no enunciado concreto **cidadão de bem** habitam outros sentidos que não estão somente atrelados à campanha do armamento, uma vez que em uma situação de discurso fazem-se presentes ecos socioideológicos provindos de outras enunciações. Nesse sentido, observemos, por exemplo, alguns enunciados proferidos pelo conjunto de vozes do candidato em questão durante períodos diferentes de sua vida pública:

Tabela 1 – Conjunto de locutores do candidato

	Situação discursiva	Enunciação
LOCUTOR 1	Em discussão com a deputada Maria do Rosário, em 2003, Bolsonaro disse:	“Jamais te estupraria porque você não merece. [...] Você me chamou de estuprador, você não tem moral, tá, vagabunda!” (MARIA, 2014, [s/p]).
LOCUTOR 2	Em debate na <i>TV Câmara</i> , em 2010, Bolsonaro disse:	“Se o filho começa a ficar assim, meio gayzinho, [ele] leva um couro e muda o comportamento dele.” (PALMADA, 2010, [s/p]).
LOCUTOR 3	Ao ser perguntado, em 2011, pela cantora brasileira Preta Gil, o que faria caso seu filho casasse com uma mulher negra, Bolsonaro disse:	“Oh Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro risco, e meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o teu.” (DEPUTADO, 2011, s/p).
LOCUTOR 4	Em uma participação no programa <i>Pânico</i> , da <i>TV Bandeirantes</i> , em 08/07/2016, Bolsonaro disse:	“O erro da ditadura foi torturar e não matar.” (JAIR, 2016, s/p).

Fonte: elaborado pelo autor a partir das fontes aqui citadas.

punição. Isso vai diminuir a violência no Brasil com toda certeza” (ALESSI, 2018, [s/p]). “Por decreto pretendemos garantir a POSSE de arma de fogo para o cidadão sem antecedentes criminais, bem como tornar seu registo definitivo” (BOLSONARO, 2018, [s/p]).

Analisando os enunciados proferidos, pode-se perceber que o **locutor 1** desvaloriza, moralmente, sua interlocutora por meio de um xingamento, marcado linguisticamente pelo uso do termo lexical **vagabunda**. Detecta-se, durante a enunciação, que o conteúdo temático da interlocução é o estupro e que as vozes sociais dos então deputados, imbricadas no enunciado, discordam, ideologicamente, em relação ao assunto. Nesse sentido, o **locutor 1** axiologiza o tema estupro como sendo algo que requer merecimento, afirmando que sua interlocutora não se mostra digna para merecê-lo. Há, nessa situação discursiva, um locutor que disponibiliza uma voz social caracterizada por uma atitude machista, alardeando sua masculinidade (**jamais te estupraria**) e desconsiderando a respeitabilidade (**você não tem moral, tá, vagabunda!**) da qual sua interlocutora exige, enquanto ser humano e representante pública.

Em relação ao **locutor 2**, observa-se, assim como na enunciação do **locutor 1**, um posicionamento preconceituoso de ordem sexual. Nesse caso, tem-se uma atitude **homofóbica**, uma vez que essa voz social, ao caracterizar a homossexualidade pelo uso do gerúndio (**vai ficando**), concebe seu referente, o homossexual, como sendo um ser que está em processo de transformação, dando a ideia de que algo pode ser remediado, e não como sendo uma condição sexual dos sujeitos. Para dar um tom valorativo de sarcasmo e ironia ao seu conteúdo temático, o locutor utiliza o diminutivo (**gayzinho**), indicando atos violentos (**levar um couro**) para a mudança de comportamentos homossexuais que não se enquadram em atitudes atinentes à masculinidade.

No processo interlocutivo de **número 3**, o locutor, ao comparar a etnia negra com promiscuidade, semantiza-se enquanto sendo uma voz social marcada pelo **racismo**, pois traça uma relação do ser negro com características ligadas à desordem, à libertinagem. Trata-se de um movimento discursivo que se configura, indiretamente, na dicotomia **branco versus negro, ordem versus desordem**.

Por fim, na enunciação do **locutor 4**, pode ser observada uma voz social cuja atitude discursiva é a de reverenciar as atitudes violentas e autoritárias que marcar o período da ditadura militar no Brasil. Explicita-se, nesse enunciado, um sujeito possuidor de uma visão de mundo que vai de encontro às ideias preconizadas na Constituição Federal, no que diz respeito aos direitos humanos. Ao afirmar que o regime totalitário da ditadura deveria ter matado mais civis ao invés de torturá-los, apreende-se uma voz social, marcada axiologicamente, pelo consentimento à violência, à opressão e à tirania.

Ademais, é importe salientar que aos estudos da Teoria Dialógica do Discurso as características da vida particular de um sujeito empírico são percebidas para além das abordagens pragmáticas e cartesianas, uma vez que o sujeito bakhtiniano, embora singular, constrói-se a partir da relação com o outro. Consequentemente, o ator social Bolsonaro, enquanto político, dá voz em suas enunciações a um conjunto de locutores que possuem um mesmo movimento verboaxiológico, caracterizado pela agressividade, algo que, nas práticas sociais da sociedade brasileira, pode refletir. Dentro desta marcha discursiva, há um coral de apoio, ou seja, um conjunto de vozes sociais que compartilham, de alguma forma, de uma mesma visão ampla de mundo. Trata-se de uma

[...] comunidade das valorações: o pertencimento dos falantes a uma mesma família, profissão, ou classe social, a algum grupo social e, finalmente, a uma mesma época, posto que todos os falantes são contemporâneos. As valorações subentendidas aparecem então não como emoções individuais, senão como atos socialmente necessários e consequentes. As emoções individuais, por sua vez, somente podem acompanhar o tom principal da valoração social em sua qualidade de matiz: um “eu” somente pode realizar-se na palavra se se apoia nos ‘outros’. (VOLÓCHINOV; BAKHTIN, 2011, p. 158).

Essa comunidade de valorações pode ser exemplificada a partir de materialidades discursivas que serão apresentadas a seguir. Consiste em enunciações que, aparentemente, não possuem relação direta com o enunciado **cidadão de bem** e, menos ainda, com a campanha do armamento. Entretanto, cabe lembrar que, para o Círculo de Bakhtin, a linguagem fundamenta as práticas sociais e, desse modo, os sujeitos empíricos abaixo mencionados estão diretamente ligados à prática política de Jair Bolsonaro, sendo como apoiadores em redes sociais durante o período eleitoral ou como participantes de seu grupo administrativo. Consequentemente, tais sujeitos dão voz a locutores que comungam axiologicamente com o conjunto de locutores disponibilizados pelo candidato:

Tabela 2 – Coral de apoio

	Situação discursiva	Enunciação
LOCUTOR 5	No dia 07 de outubro de 2018, no <i>Twitter</i> , Alexandre Novaes disse:	“Você Nordestino que votou em Bolsonaro tem a obrigação de esmagar os Nordestinos que votaram no PT. Tem que baixar o salário, fazer trabalhar como escravo, não pagar direitos trabalhistas, hostilizar na rua, passar com o carro em cima das pernas quando estiverem na sarjeta.”
LOCUTOR 6	No dia 28 de outubro, um vídeo postado no <i>Youtube</i> de um estudante de Direito e eleitor de Bolsonaro (P.B.B):	“Vou votar ao som de Zezé, armado com faca, pistola. Doido pra ver um vadio, vagabundo de camiseta vermelha e já matar

		logo. Óh! Tá vendo? Essa negriada vai morrer.” (QUEIROGA, 2019, s/p).
LOCUTOR 7	Ao ser questionada pela deputada Alice Portugal (PC do B-BA) sobre a condição da mulher em um casamento, Damares Alves disse:	“Dentro da doutrina cristã, sim. Dentro da doutrina cristã, lá dentro da igreja, nós entendemos que um casamento, entre homem e mulher, o homem é o líder do casamento. Então essa é uma percepção lá dentro da minha igreja, dentro da minha fé.” (BARBIÉRI, 2019, s/p).

Fonte: elaborado pelo autor a partir das fontes aqui citadas.

No que tange às enunciações precedentes, pode-se observar que o **locutor de número 5**, ao *twittar* seu discurso, instaura um processo de interlocução com os eleitores nordestinos de Bolsonaro, indicando-lhes atitudes a serem tomadas com os que não compactuam com a política do candidato. Tem-se, nesse discurso, um conjunto de enunciados que conduzem seus interlocutores a adotarem, imperativamente, atitudes que violam os direitos calçados pela constituição brasileira de todo e qualquer cidadão e, além disso, vê-se, assim como no **locutor 4**, uma reverência a atitudes violentas (**passar com o carro em cima das pernas**).

Quanto ao **locutor 6**, trata-se de uma voz social abertamente adepta às práticas sóciodiscursivas do candidato que, ao postar um vídeo na plataforma digital do *Youtube*, com fundo musical da dupla Zezé di Camargo e Luciano, descreve seu processo de **ir dar seu voto eleitoral**. Durante a descrição, o sujeito faz referência à campanha do armamento defendida pelo presidenciável, empunhando, durante o vídeo, uma arma de fogo. Referindo-se diretamente aos petistas⁵, esse locutor utiliza itens lexicais ofensivos (**vadio, vagabundo de camisa vermelha**) para indicar um suposto ato de violência contra aos civis que compactuam com essa ideologia partidária. Além disso, essa voz social faz uma ligação explícita entre eleitores do Partido dos Trabalhadores (PT) e a etnia negra, marcada, na configuração do seu discurso, pelo termo **negriada**, indicando, dessa forma, um posicionamento racista, também presente no **locutor 3**.

O discurso de **número 7**, por sua vez, configura na materialidade linguística um locutor cujo sujeito empírico que lhe fornece a voz possui destacada representatividade governamental. Após sua vitória nas eleições de 2018 no Brasil, Jair Bolsonaro empossa a advogada e pastora evangélica Damares Regina Alves como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Visto que seu papel social é (ou ao menos deveria ser) o de representar as diferentes

⁵ O Partido dos Trabalhadores (PT) possui, como parte de sua simbologia ideológica, a cor vermelha que ilustra sua bandeira partidária.

vozes femininas da sociedade brasileira, percebe-se, nessa enunciação, indícios machistas em consonância com o **locutor 1**, pois, linguisticamente, dá ao gênero feminino um caráter de inferioridade e de subserviência em relação ao masculino, representada na passagem “o homem é o líder do casamento”. Ademais, depreende-se uma camada valorativa homofóbica nessa enunciação, uma vez que o locutor, ao frisar que um casamento perante “Deus” é entre um homem e uma mulher, desconsidera outras possibilidades de relações afetivas que, a partir das conquistas democráticas da sociedade moderna, mostra-se plural. Esse sentido emerge, possivelmente, porque nesse discurso faz-se presente princípios religiosos refletidos em práticas político-administrativas, algo que representa riscos à laicidade garantida, legalmente, pelo estado brasileiro. Deste modo, torna-se possível, no palco sóciodiscursivo nacional, a proliferação de doutrinas religiosas

[...] que se atacam mutuamente e ignoram o princípio liberal de legitimidade, abandonando a ideia de razão pública e buscando acesso ao aparato coercitivo do Estado para se tornarem hegemônicas. É inegável que temos presenciado muitos dos aspectos desse cenário. (BRUM, 2019, p. 25).


Além das observações já sinalizadas em relação ao enunciado **cidadão de bem**, ainda que já tenha sido afirmado, na fundamentação teórica deste estudo, a necessidade de que para se fazer uma análise dialógica discursiva requer a consideração de que um enunciado se dá situadamente, atenta-se para a seguinte passagem;

[...] as “mesmas palavras” significam diferentemente, ou seja, elas ganham vida a partir de apreciações sociais valorativas criadas no processo enunciativo, que apontam para diferentes aspectos históricos, nem sempre sinalizados linguisticamente, mas convocados na enunciação. [...] Além disso, o enunciado configura-se como um elo numa cadeia complexa de outros enunciados. (DI FANTI, 2003, p. 101).

O que a pesquisadora da citação antecedente acrescenta à análise dialógica discursiva é o fato de que, embora o enunciado funcione historicamente, adquirindo sempre uma nova axiologia, há, em sua inerência uma convocação de outras enunciações. Dessa forma, apesar da existência de enunciados distantes, enunciativamente, no tempo e no espaço, existe, de forma invisivelmente linguística, um feixe discursivo-semântico, dado por meio das relações dialógicas, ligando-os. Para fins de exemplificação desse fenômeno, esboçam-se dois projetos enunciativos, distantes entre si e também do enunciado concreto **cidadão de bem** utilizado na eleição brasileira, mas que se revestem da mesma roupagem discursiva:

Tabela 3 – Ecos discursivos distantes no tempo e no espaço

--	--	--

	Situação discursiva	Enunciação
LOCUTOR 8	Discurso proferido após invasão dos EUA ao Iraque	“Aos iraquianos e às pessoas de bem da nossa nação: seu país, sua nação gloriosa e seus princípios são dignos dos sacrifícios de vocês, de sua alma, de sua família e de seus filhos. Neste contexto, eu não preciso repetir o que cada um de vocês deve e precisa fazer para defender nossa nação preciosa, nossos princípios e santidades. [...] Vocês já são vitoriosos, com a ajuda de Deus. Seus inimigos cairão em desgraça e vergonha.” (BURNET, 2019, p. 258).
LOCUTOR 9	Uma das edições de jornal distribuído nos EUA, entre 1913 a 1933 (vide título).	 <p>(VASCONCELOS, 2017, [s/p])</p>

Fonte: elaborado pelo autor a partir das fontes aqui citadas.

O primeiro deles é uma passagem do discurso proferido por Saddam Hussein, no dia 20 de março de 2003, em Bagdá/Iraque. O contexto sóciodiscursivo que engendrou esse discurso foi a guerra travada entre os EUA e a organização fundamentalista islâmica al-Qaeda, após os ataques terroristas coordenados pelo ditador iraquiano às torres gêmeas do complexo empresarial World Trade Center, em Nova Iorque. Após isso, sob a liderança de 35 países, George W. Bush, o então presidente americano, invade o Iraque e vence a guerra. Quando Saddam Hussein dá voz ao **locutor de número 8**, surge uma voz que estratifica, assim como o conjunto de locutores anteriormente analisados, **as pessoas de bem versus as pessoas de mal**. Considerado por especialistas como sendo um dos maiores ditadores do mundo árabe, Hussein, durante o período de seu regime totalitário, ordenou a operação Anfal⁶, que consistia, sobretudo, numa tentativa de arabização do povo curdo⁷. Conseqüentemente, essa visão de mundo ideológica reflete, principalmente, no discurso das vozes sociais por ele disponibilizadas. Nesse sentido, quando o locutor 8 verbaliza **pessoas de bem**, refere-se ao povo não-curdo e aos que eram curdos mas se sujeitaram à política de aculturação árabe, composta por **princípios, divindades e ajuda de Deus** (linha 8 e 9 do discurso), impostos pelo ditador.

⁶ A operação Anfal, denominada também de Al-Anfal, consistiu em uma campanha genocida contra o povo curdo no Curdistão iraquiano.

⁷ Grupo étnico do Médio Oriente.

O outro projeto enunciativo (**locutor 9**) a ser evidenciado se trata de uma imagem de um jornal publicado nos EUA, entre 1913 e 1933, sob a coordenação da líder religiosa Alma White, que era ligada ao grupo supremacista Ku Klux Klan. O periódico levava o título de *The Good Citizen*, que em português significa bom cidadão ou cidadão de bem. Trata-se de um gênero do discurso ligado à esfera política de extrema-direita cujos ideários principais foram o nacionalismo, a supremacia da raça branca, o anticatolicismo, o antissemitismo e a anti-imigração. Todos esses preceitos se fazem ressoados na expressão **Cidadão de Bem** que nomeia o jornal, uma vez que as pessoas que não se enquadravam nesses preceitos, não eram consideradas como dignas de legitimidade cidadã.

Diante desse conjunto de locutores, do 1 ao 9, embora posicionados de maneiras diferentes na sociedade e ligados a esferas sociais distintas, salienta-se que, em termos gerais, em todos os seus discursos ocorrem escolhas lexicais com o intento de violar o conteúdo temático de seus enunciado: **vagabunda, gayzinho** (uso do diminutivo), **promiscuidade, torturar e não matar, bandido, os nordestinos, passar com carro em cima das pernas, faca, pistola, matar logo, vadio, o homem é o líder do casamento**. Além disso, mesmo que o uso da expressão **cidadão de bem** não se apresente marcado, formalmente, nos enunciados, ela traça uma relação dialógica com o que, para esse conjunto de locutores, venha a ser **cidadania e de bem**, aproximando esses sentidos, em uma malha discursiva invisível, mas que se faz presente.

A partir das observações precedentes, detecta-se, no conjunto dos discursos dos locutores analisados, o intento de polarizar (nós *versus* eles), configurado em dicotomias como branco x negro, superior x inferior, heterossexual x homossexual, religioso x não de Deus, decente x vagabunda, nordestino bom x nordestino ruim. Vê-se, portanto, discursos marcados, axiologicamente, por tons valorativos de machismo, desigualdade, racismo, homofobia e xenofobia que, quando entrecruzados, formam um centro de valor caracterizado pela **intolerância**, voltado para atingir o outro, calá-lo, silenciando, por meio de práticas sociais e discursivas, as possibilidades de se fazerem manifestadas visões de mundo diferentes.

4. “Cidadão de bem” e refrações semânticas

Considerando que um enunciado concreto sempre possui um endereçamento, ou seja, um interlocutor presumido, o conjunto de locutores anteriormente explicitado, a partir de

diferentes visões de mundo, corrobora, naturalmente, com um coro social que compactua com o tom valorativo intolerante que habita na expressão **cidadão de bem**. Trata-se de um contrato estabelecido na interação entre locutor e interlocutor que, ao cruzarem suas visões de mundo próximas, criam esse efeito de sentido. Contudo,

[...] a existência não é apenas refletida no signo, mas também é *refratada* nele. O que determina essa refração do signo ideológico? O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sógnica, isto é, a *luta de classes*. A classe não coincide com a coletividade sógnica, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, *em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas*. O signo transforma-se no palco de luta de classes. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112, grifos do autor).

Inevitavelmente, todo enunciado concreto, por ser signo ideológico, respingará, dialogicamente, em diferentes grupos sociais que, no caráter tensivo da linguagem, refutará as visões de mundo nele empreendidas. Por esse motivo, a partir desse novo tom valorativo dado ao enunciado em questão por meio de um centro de valor intolerante, surge, na vida social brasileira, outro centro de valor que, em uma relação dialógica, refuta tais axiologias e apresenta, no palco sóciodiscursivo, seu conjunto de pontos de vista. Abaixo, seguem demonstrações de refrações às diversas enunciações que atravessam o cidadão de bem quando sinalizado pelo discurso de intolerância:

Tabela 4 – Relações ao centro de valor intolerante

	Situação discursiva	Enunciação
LOCUTOR 10	Postada na página do personagem <i>Armandinho</i> , em maio de 2015, quando o termo cidadão de bem já estava em uso político.	<p>(BECK, 2015, [s/p])</p>

<p>LOCUTOR 11</p>	<p>Postado em rede social no dia em que começou o processo de julgamento da criminalização da homofobia no Brasil, julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF).</p>	 <p>(MOREIRA, 2019, [s/p])</p>
<p>LOCUTOR 12</p>	<p>Protesto realizado em São Paulo, após a divulgação dos cortes na educação feitos pelo governo.</p>	 <p>(PASSOS, 2019, [s/p])</p>

Fonte: elaborado pelo autor a partir das fontes aqui citadas.

O discurso de **número 10** se configura, em termos textuais, no gênero tirinha, produzido pelo ilustrador catarinense Alexandre Beck que dá voz a um menino, Armandinho, de cabelo azul, geralmente acompanhado nas narrativas por um sapo de estimação. Como é característico desse gênero discursivo, a tirinha, geralmente, conduz seus interlocutores (leitores) a refletirem sobre questões cotidianas, sobretudo as ligadas à esfera sociopolítica. Quando o locutor, em seu processo enunciativo, caracteriza os **cidadãos de bem** como sendo sujeitos que falam alto e com raiva, há, imbricado nesse sentido, uma refração que, por sua vez, busca mostrar o **caráter** dos discursos intolerantes e dos sujeitos que o proferem. Atrelado a isso, percebe-se a presença lexical do verbo **punir** que, dialogicamente, alude ao **locutor 4** que, em seu discurso, reverencia o período da ditadura, momento em que muitos brasileiros, por não compactuarem com o sistema totalitário, foram punidos de diversas maneiras.

Materializando sua voz social na plataforma digital *Twitter*, o **locutor 11**, por meio de sua enunciação, mostra-se, diretamente, contrário aos discursos verbalizados pelos **locutores 2, 3 e 7**. Essa oposição se torna perceptível pelo fato de que, no todo do projeto enunciativo,

presencia-se não somente uma axiologia a favor da criminalização da homofobia e combate ao racismo, como também uma desmistificação de que é a palavra de **Deus** que dita as regras sociais. Tem-se aí uma espécie de **denúncia** aos discursos religiosos que, segundo a voz social, erram ao marginalizar homossexuais e negros, bem como ao fazer uso indevido da voz divina para satisfazer seus preconceitos particulares.

O **locutor 12**, por sua vez, integra em seu discurso todas as axiologias que compõem o centro de valor intolerante que ecoa na expressão **cidadão de bem** aqui analisados. A situação sociohistórica que o engendra é pós-eleitoral, quando o candidato Jair Messias Bolsonaro já estava em atividades administrativas enquanto presidente. O que torna possível esse resgate contextual é a utilização lexical do termo **educação**, presente no gênero cartaz, referindo-se aos 30% dos recursos discricionários bloqueados das universidades federais de todo o país, no início das práticas governamentais do então presidente. Após o termo, veem-se elencadas diferentes construções linguísticas que, funcionando de forma inerente como refrações ideológicas, servem como respostas ao conjunto de discursos que circundaram e compuseram o centro de valor intolerante pré, durante e pós eleição presidencial.

Considerações Finais

A partir das reflexões teóricas e da análise empreendida no presente estudo, pôde-se perceber que, do ponto de vista dialógico, a refração é um processo natural e constitutivo da linguagem, uma vez que os sujeitos locutores de uma dada língua, por serem plurais e ideológicos, sempre apresentarão diferentes visões de mundo, enunciando valorações diversas. O sentido de **cidadão de bem**, por exemplo, embora já legitimado enquanto potencialidade, apresenta-se diferentemente valorado dentro de um mesmo grupo/coro social. Trata-se do “próprio dialogismo incorporado no discurso, a dinâmica das vozes engendradas em um espaço inter-relacional” (DI FANTI, 2003, p. 102).

Entretanto, os fatos sociais que ocorreram nas últimas eleições brasileiras (2018) levaram os locutores de diversos grupos sociais a colocarem como secundários seus diferentes pontos de vistas sobre o que vem a ser **cidadão e de bem**. Esse fenômeno prático-discursivo ocorreu, talvez, porque o conjunto de vozes de um representante público, ecoado e legitimado por um coral de apoio, deu ao enunciado concreto analisado um tom axiológico muito distante de sua significação já naturalizada. Indicia-se aí, por meio dessa valoração marcada e atravessada por

discursos de intolerância, uma tentativa de estratificação da sociedade brasileira, configurada entre os **cidadãos de bem** e os **cidadãos de mal**. Configura-se, assim, no conjunto dos enunciados por este estudo analisados e notadamente reverberados no horizonte social brasileiro, uma malha discursiva de tom axiológico intolerante e, sobretudo, com vistas à estratificação. Dessa forma, manifestam-se, no uso da linguagem, dois Brasi(s): um que tenta, com força centrípeta⁸, impor uma nova ideologia sígnica, e outro que, deixando de lado suas diferentes visões de mundo, une-se, discursivamente, para manter um ideário parcial, processual e recentemente conquistado pelo povo brasileiro: a democracia.

REFERÊNCIAS

- ALESSI, G. Os planos de Bolsonaro para ampliar o porte de arma e a legítima defesa. *El país*, São Paulo, nov. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/30/politica/1540926432_647859.html. Acesso em: 20 mai. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARBIÉRI, Luiz Felipe. Damares diz que na 'concepção cristã' mulher deve ser 'submissa' ao homem no casamento. *G1*, Brasília, abr. 2019. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/16/damares-diz-que-em-sua-concepcao-crista-mulher-deve-ser-submissa-ao-homem-no-casamento.ghtml>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- BECK, Alexandre. Armandinho. *Tumblr*, mai. 2015. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/118291320414/tirinha-original>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- BOLSONARO anuncia decreto para facilitar posse de arma a quem não tem antecedente criminal. *G1*, Brasília, dez. 2018. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/12/29/bolsonaro-diz-que-por-meio-de-decreto-pretende-garantir-posse-de-armas-a-cidadaos-sem-antecedentes-criminais.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B (org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRUM, Henrique. Democracia e laicidade. *Filosofia ciência & vida*. São Paulo: Editora Escala, n. 150, p. 23-26, mai. 2019.
- BUENO, Silveira. *Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.
- BURNET, Andrew (org.). *50 discursos que marcaram o mundo moderno*. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁸ A Teoria Dialógica do Discurso toma emprestado da Física o termo **forças centrípetas**, significando-o como uma tentativa de imposição axiológica por sobre a diversidade de vozes sociais no discurso (plurilinguismo).

- COMO fazer brigadeiro de panela – Receita completa. *Confeitaria de sucesso*, [s/d]. Disponível em: <https://www.confeiteiradesucesso.com/como-fazer-brigadeiro-de-panela-receita-completa/>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- DEPUTADO associa na TV namoro com negras a 'promiscuidade'. *GI*, Brasília, mar. 2011. Política. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/deputado-associa-na-tv-namoro-com-negras-promiscuidade.html>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- DI FANTI, Maria da Glória. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 95-111, jan./dez., 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio*: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- JAIR Bolsonaro: “Erro da ditadura foi torturar e não matar”. *Revista Fórum*, jul. 2016. Política. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/jair-bolsonaro-erro-da-ditadura-foi-torturar-e-nao-matar/>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- JAIR Bolsonaro sobre porte de armas: "Todo vagabundo tá armado! Só falta o cidadão de bem!". *Pânico Jovem Pan*. Youtube. fev. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aR8x5QVRgd8>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- MARIA do Rosário Vs Jair Bolsonaro. *Política Verdade*, dez. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yRV98Im5zRs>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- MOREIRA, Cláudio. Post. *Twitter*, fev. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/klaudiomoreira/status/1095700477818298368?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- ONU. *Declaração universal dos direitos humanos*. UNIC. Rio de Janeiro, jan. 2009. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- PALMADA muda filho "gayzinho", declara deputado federal. *Folha de São Paulo*, São Paulo, nov. 2010. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2611201025.htm>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- PASSOS, Clarissa. 18 cartazes que ilustram as manifestações contra os cortes na educação. *Buzzfeed*, mai. 2019. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/clarissapassos/cartazes-manifestacoes-bolsonaro-educacao-previdencia>. Acesso em 15 jul. 2019.
- QUEIROGA, Louise. Universidade expulsa aluno de Direito que gravou vídeo racista: 'Negraíada vai morrer'. *GI*, jan. 2019. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/universidade-expulsa-aluno-de-direito-que-gravou-video-racista-negraíada-vai-morrer-23361009>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- SARAMAGO, J. *Os poemas possíveis*. Alfragide: Caminho, 1997.
- SANTOS, Volnyr (org.). *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Rígel, 2006.
- SOBRAL, Adail. GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 3, jul./set., 2016.
- VASCONCELOS, Andressa. O cidadão de bem. *New Order*, dez 2017. Disponível em: <https://medium.com/neworder/o-cidadao-de-bem-4d48f9568798>. Acesso em 15 jul. 2019.
- VOLÓCHINOV, Valentin; BAKHTIN, Mikhail. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

**Artigo recebido em março de 2020.
Artigo aceito em maio de 2020.**